

Dados da Ficha	
Palavras-chave	Bormann, trabalho, mato, escola, arroz.
Entrevistados:	Égida Fiorentin Dallazen (ÉFD) Gelso Dallazen (GD) Alírio Dallazen (AD)
Entrevistadoras:	Maria Neusa Castaman (MNC) Melânia Olimira Höhn (MH)
Idade:	Égida Fiorentin Dallazen: 76 anos; Alírio Dallazen: 78 anos; Gelso Dallazen: 50 anos.
Data da entrevista	Nov. de 2014
Transcrição da entrevista:	NI

MH – A pesquisa pode ser usada para fins de pesquisas da Universidade Federal da Fronteira Sul?

ÉFD – Sim.

MH – Quantos anos a senhora tem?

ÉFD – 76 anos.

MH – Quantos anos faz que vocês moram aqui?

ÉFD – 37 anos dezembro 1977.

MH – Seu nome completo?

ÉFD – Égida Fiorentin Dallazen.

MH – Antes de vir morar no Dist. do Bormann, onde vocês moravam?

ÉFD- Em Erechim/RS no interior do município.

MH – O que levou vocês vir pra cá?

ÉFD – O meu marido tinha um irmão que já morava aqui dai ele achou que aqui tinha mais trabalho, o irmão dele trabalhava numa fazenda e o próprio fazendeiro foi quem trouxe nós pra Santa Catarina – Rodeio do Erval Chapecó.

MH – E quando vocês chegaram aqui trabalhava de empregado ou faziam roça, plantavam?

ÉFD – Trabalhava no aviário que era do patrão e também trabalhava na lavoura nós era arrendatário.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

MH – Então as terras vocês não eram proprietários e sim arrendatários?

ÉFD – Os aviários também nós éramos arrendatários, nós dava uma coisa assim X pra eles e o resto era tanto % da lavoura.

MNC – Quando vocês chegaram aqui no Bormann, como era aqui? Tinha muitas casas? As ruas já eram definidas ou não?

ÉFD – Eram poucas casas, muito pequeninhas, pouca gente, mas agora ta povoado, ta uma cidade.

MNC – Tinha bastante mato aqui quando vocês chegaram?

ÉFD – Tinha , mas não foi muito desmatado, pois ainda possui locais com mato. Na época tinha bastante pé de Nogueira (pé de nozes) que parecia que era mato mas era nogueira. Na região tinha bastante capim (barba de bode) onde as pessoas usava muito pra fazer arranjos com as flores do mesmo. Os filhos trabalhavam em colher as barbas de bode pra vender para as pessoas que fazia esses arranjos. A terra era magra (fraca) e tinha bastante desse capim. Quando viemos morar no Distrito de Marechal Bormann, não tinha mais pinheiro, já tinham derrubado tudo e queimado também. O meu marido tinha vindo antes há uns 52 anos, ele veio sozinho, eu tinha os filhos pequenos ele ficou um tempo e voltou pra Erechim, dai naquele tempo ainda tinha pinheiro aqui no Bormann, muito mato e depois quando eu vim com a família já tinham derrubado todos os pinheiros.

MH – Já não tinha mais casas cobertas com tabuinhas na época em que vocês vieram morar aqui?

AD – Quando viemos morar aqui a nossa casa era coberta com tabuinhas na chácara que compramos.

MH – Tinha assoalho a casinha?

AD – Sim, tinha assoalho na casa. Na chácara tínhamos um poço d'água que também servia a igreja, porque aqui tinha problema com água, pois tinha muita laje (rochas).

MNC – Qual o seu nome?

AD – Alírio Dallazen.

MNC – Qual a sua idade?

AD – 78 anos.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

MH – Quando o Sr. veio bem antes né?

AD – A primeira vez que eu vim para Santa Catarina lá pelos anos de 1961, para trabalhar na fazenda do Guella no Rodeio do Erval, trabalhava pra ele e depois voltei para Erechim e depois o mesmo patrão me trouxe de volta na fazenda.

MH – Quando o Sr veio para cá, tinha igreja? Tinha escola? Que tipo de comércio existia na época?

AD – Tinha uma escola lá no fundo, a onde agora tem um loteamento novo. A escola era de madeira. Também tinha uma casa de pasto que naquele tempo era hotel, onde parava naquele tempo os cavaleiros, carroceiros todos parava ali na época e depois seguiam viagem a negócios e tinha mais uma bodeguinha aqui em cima. Em 1977, quando viemos morar aqui no Distrito de Marechal Bormann, também tinha um moinho que era do Dalla Rosa, o moinho era de pedra, funcionava a motor.

MH – Ele comprava também os produtos?

AD – Comprava arroz e milho ele comprava para fazer farinha.

MH – Então o senhor plantava também feijão, arroz e milho?

AD – Sim. Quem comprava os produtos era o Hilário Casagrande e Olavo Buko.

MNC – O que levou o senhor a vir morar em Santa Catarina?

AD – Há tá, eu gostei daqui, vim trabalhar uns 4 anos na fazenda do Guella, daí o pai da minha esposa ficaram sozinhos e pediram para ir de volta para o Rio Grande, daí voltamos lá e ficamos mais uns 8 meses só e fomos morar com os padres em Erechim onde ficamos com os padres uns 11 anos eu era um xodó dos padres (risos). O Guella foi me buscar e me trouxe de volta para trabalhar na fazenda dele.

MNC – O que vocês plantavam?

AD – De tudo arroz, feijão e milho.

GD – Nós fomos os pioneiros de arroz, ninguém plantava arroz. O pai trouxe a semente do Rio Grande do Sul, abrimos uma terra nova, todo mundo se apavorou da quantidade de arroz que plantamos. Na aquele ano colhemos seiscentos (600) sacos de arroz, fora que a ceifa perdeu, porque nunca tinham colhido arroz ninguém sabia colher com a ceifa. Dai achamos um moinheiro lá do bairro Passo dos Fortes que soube que o pai tinha essa grande quantidade de

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

arroz, ele veio comprar o nosso arroz, porque vinha de fora. Com o dinheiro do arroz o pai comprou um trator e não sei mais o que.

AD – Eu achava que a terra era fraca pra feijão e milho eu pensei, vou plantar arroz. Como era muito arroz, fui falar com seu Egidio Grando que era o único que tinha ceifa naquela época. Foi no ano de 1980 que deu muito bem o arroz, depois no outro ano plantamos mais, deu uma seca que perdemos tudo, não deu nada.

